

Corporeidade e educação: tecendo sentidos...,
de Gilberto Aparecido Damiano; Lúcia Helena Pena Pereira e
Wanderley Cardoso Oliveira (Org.)

São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

José Antônio dos Santos

Mestrando em Educação-UFSJ;
Membro do Núcleo de Estudos Corpo Cultura Expressão e Linguagem – NECCEL.
Conselheiro Lafaiete, MG – Brasil
joseantonio281@hotmail.com

Dilceia Maria A. Paiva Ferreira

Mestranda em Educação-UFSJ;
Membro do Núcleo de Estudos Corpo Cultura Expressão e Linguagem – NECCEL.
São João Del-Rei, MG – Brasil
dilceiapaixa@hotmail.com

O livro foi elaborado por várias mãos; melhor, de corpo inteiro por seus autores: educadores e pesquisadores do Brasil, da Argentina e da Espanha. Os organizadores são professores do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, lecionam no curso de Pedagogia e são integrantes do Núcleo de Estudos Corpo, Cultura, Expressão e Linguagens (Neccel) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

O trabalho tem por eixo teórico as relações entre o corpo e a aprendizagem e suas decorrências no processo pedagógico-escolar. Os autores promovem discussões filosóficas em torno da concepção do corpo para a sociedade ocidental moderna e as implicações no aprendizado humano. No conjunto, os textos rompem com o dualismo cartesiano e a sua visão mecanicista de corpo – *res cogitans* e *res extensa* –, legado da filosofia mecânica, apresentam o *holos* e a *poiesis* como elementos ampliadores da visão de corpo e voltam-se para a construção da corporeidade. É com esse mote que os colaboradores se referem às ambiências onde se dão as relações corpo-saber, corpo-aprendizagem e corpo-integração da subjetividade com a objetividade e abordam temas de interesse para diversas áreas, como Neurociência, Educação Física, Pedagogia, Filosofia, Arte, Dança e Educação de forma geral.

Em *Contact Improvisation: micropolíticas enformación*, Tampini e Farina questionam a disciplinaridade da Educação e propõem maior valoriza-

ção do aprendizado para a vida por meio do trabalho com a subjetividade dos envolvidos nessa prática. Já Daniela Yutzis parte da ortopedia infantil na França (séc. XVIII) e apresenta discussões a respeito de como as crianças adquirem seus primeiros hábitos motores e as relações entre controle dos corpos e poder. Ana Monteiro nos remete à *mimesis* – imitação na sua singularidade –, única capaz de gerar afecções e que ensina o corpo-aprendiz a sentir e a pensar. Corpo concebido como território em que a aprendizagem foge à lógica acumulativa e onde “[...] aprender é sempre desestabilizar-se [...]” (p. 56) ou “[...] ser de outra maneira [...]” (p. 57).

Dialogando com a Psicologia, Gilberto Damiano e Wanderley Oliveira apresentam o desenho na fenomenologia de Merleau-Ponty, para quem o mover e o perceber são aspectos de um mesmo fenômeno; daí, o desdobramento para a expressão e a aprendizagem. Em *O corpo em cena: Gabriel Marcel*, Claudinei da Silva investiga a dramaturgia e analisa como essa produção pode ajudar a repensar a experiência do corpo e do outro. Em Marcel, a dramaturgia gera uma encarnação como dado central da metafísica, em que o corpo, de quem atua, constrói intersubjetividade que tira o espectador da sua condição passiva.

A pergunta “Mente e corpo ou mente-corpo”? (A questão dualismo x materialismo), feita por Chinellato, rebate a discussão entre os neurocientistas sobre a origem e o desenvolvimento da consciência humana. Esse é o fio condutor da discussão marcada pela vertente materialista, que aponta como perspectiva para o âmbito da Educação, pois “[...] toda e qualquer prática pedagógica é direcionada ao corpo como um todo [...]” (p. 114). A Neurociência, tratada por Luckesi, evoca Freud ao falar de projeções emocionais nas relações educativas de sala. O autor reforça que “[...] corporeidade, disfunções emocionais e prática educativa podem e devem ser compreendidas com o auxílio dos estudos da Psicanálise e das Neurociências” (p. 137). Em “Corpo, linguagem e educação: experiências com a ginástica geral”, Eliana Ayoub e Marina Matsumoto falam em apreensão da expressão corporal como linguagem e discutem a cultura corporal. Elas subvertem o convencional conceito de Educação Física, apresentando a concepção de ginástica geral sob outras bases epistemológicas, e evocam Mikhail Bakhtin para a discussão sobre Linguagem e Arte.

Corpo-resistência, corpo-saber, corporeidade-biografia e corpo-aprendizagem são alguns dos binômios discutidos por Fernando Hernández, que analisa a adesão ou reação de jovens às normas de escolas secundárias “[...] que tiene

como efecto la auto-regulación de los cuerpos [...]” (p. 157). Entre 20 relatos narrativos de jovens secundaristas, ele analisa a relação corporeidade-relação pedagógica entre os que se submetem às técnicas de controle e às expectativas dos professores e os que resistem a elas. Com Judit Pagès, encontramos um tratamento da materialidade dos corpos e da subjetividade encarnada para repensar as maneiras de concepção da relação entre sujeitos no processo de aprendizagem e produção de conhecimentos. A autora parte de perspectivas feministas, “[...] da teoria queer e pós-coloniais [...]”, para discutir conceitos como: Performatividade, *Performance Art* e Pedagogia da Performance.

Peixoto e Azevedo perguntam sobre o lugar da Arte e da corporeidade na formação de professores. Elas recorrem, sobretudo, a Vygotsky, Ostrower e Read, a fim de discutir a atividade criadora, as potencialidades criativas e a arte como meio educativo. Sara Matthiesen em seu artigo *Notas sobre o corpo educado na educação do corpo: aproximações entre a educação física, as práticas corporais alternativas e o pensamento reichiano* descortina as práticas corporais alternativas, o que incita a pensar uma nova concepção de Educação Física com um viés clínico aproximado dos conceitos de Reich. Este é evocado também no artigo *O corpo também vai à escola? As atividades bioexpressivas e a educação da criança*, no qual Lucia Helena Pereira, fundamentada na teoria das couraças de Wilhelm Reich e nos estudos da ludicidade, orienta reflexões para a formação da criança. As expressões naturais ou a atitude rígida geram efeitos educativos inestimáveis na criança, em forma de emoções positivas ou bloqueios emocionais; por exemplo, o da criatividade. A autora apresenta a bioexpressão como proposta integradora, pois permite o exercício da linguagem dos sentidos.

Igualmente à Lúcia Helena, Maria Mota e Julio Campos recorrem a Reich, tratando da perda de energia corporal pelos professores e alunos no território escolar. Eles tecem um diálogo interdisciplinar amplo, em que a Neurobiologia, a Filosofia e a Psicologia trazem expressivas contribuições para a prática da educação escolar.

A consistência e a densidade teórica do livro *Corporeidade e educação: tecendo sentidos*. . . nos remetem à exortação do filósofo Schopenhauer: “Nunca leiais, sempre estudaís”. Esse é o convite com que nos deparamos ao termos em mãos essa obra, principalmente devido ao seu contributo e expressão pedagógicos.

Corporeidade e Educação é livro para ser sentido, pensado. . . vivido!